

EXPERIÊNCIAS COM GÊNEROS DISCURSIVOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Maria de Fátima Almeida¹ (UFPB/PROLING)
falmed@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Apresentamos aqui experiências com gêneros discursivos e as contribuições do professor para a leitura na sala de aula, cuja concepção de linguagem é imprescindível para a sua atuação no ensino nos níveis fundamental e médio. Nesse sentido, enfatizamos que o processo de formação continuada para o educador tornou-se um elemento essencial para a aprendizagem na atualidade. O sistema educacional, hoje, exige profissionais competentes e atualizados que atuem em todos os campos e redes de ensino. Uma formação especializada propiciará ao docente não só o bom uso dos recursos didáticos, mas também a utilização adequada da língua/linguagem na sala de aula.

Temos como principal objetivo mostrar as contribuições do professor na prática com a linguagem em sala de aula e analisar a concepção dialógica de leitura dos docentes que atuam em escolas públicas do ensino fundamental e médio de João Pessoa. Para alcançar os objetivos propostos foi sugerido o estudo de diversos gêneros discursivos, especialmente, uma crônica foi selecionada para esse fim. Esse gênero não só aguça o interesse dos alunos para a leitura, mas também motiva a prática leitora na escola. Essas estratégias produzem efeitos que motivam e dinamizam o processo de ler nas aulas de leitura.

Todo o aporte teórico está constituído pela abordagem dialógica da linguagem, pautada em Bakhtin/Voloshinov (1995[1929]) e Bakhtin, (2008, 2010), Brait (2012) e Almeida (2004, 2013) no que diz respeito ao processo de ler na escola. O destaque será para os conceitos de linguagem e de gênero discursivo, de interação verbal, de formação docente e práticas pedagógicas de ler e de produzir textos, material usado pelo professor em sua prática na escola. Esses conceitos refletem a importância da visão enunciativa para as atividades de ensino e, conseqüentemente, refratam o significado do bom uso deles na prática docente em Língua Portuguesa por professores no exercício de sala de aula.

Os pressupostos metodológicos adotados descrevem, interpretam e analisam o gênero selecionado do material pesquisado que soma um composto de vários módulos com oficinas de leitura na perspectiva dialógica. Também atendem a questões inerentes ao gênero lido e amplia as orientações sugeridas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que estruturam o trabalho escolar em suas variadas modalidades.

Na visão de Brait (2012), o trabalho metodológico, analítico e interpretativo com textos/discursos só pode se realizar com a possibilidade de esmiuçar campos semânticos, analisar organizações sintáticas e reconhecer e interpretar articulações enunciativas que caracterizam os discursos. Essa é uma contribuição dos estudos dialógicos para o processo de ensino e aprendizagem e para a formação de docentes que participam do ensino da leitura e da produção textual na sala de aula. Como resultado, apontamos a necessidade urgente de atualização dos professores em todos os níveis e reforçamos que a escola precisar atualizar o seu corpo docente.

Por essa dimensão, afirmamos que a concepção de leitura do educador é importante e necessária para o ensino de língua portuguesa e para a prática de leitura

¹ Professora da Universidade Federal da Paraíba, participante do Programa de Pós-Graduação em Linguística, PROLING, atuando na área de Linguística e Práticas Sociais com a linha de pesquisa Discurso e Sociedade .

daqueles que pretendem formar bons leitores e sujeitos competentes para lerem o mundo das diversas mídias e tecnologias do século XXI. Convém reforçar que ver o mundo com outros olhos é mesmo fundamental. Interagir, agir e repensar o modo de ler e escrever na escola é o melhor caminho de para o educador dos tempos atuais. Esse é o grande desafio do professor na era da comunicação e dos variados modos de expressão midiáticos, dos abundantes suportes de informações e das mais diversificadas formas de ser. A seguir abordaremos os principais conceitos que serviram de base para um melhor desempenho dos docentes e colocaremos o que colhemos e analisamos das pesquisas e experiências com educadores no ensino da leitura na concepção dialógica de linguagem, a ADD.

1 A ABORDAGEM TEÓRICA E OS E CONCEITOS UTILIZADOS

No processo de ensino atual, a necessidade de formação para o docente que atua no Ensino de Língua Materna é perceptível não só pela velocidade da informação no mundo mediatizado, mas também pela importância que a leitura exerce para a sociedade moderna. Eis a relevância da atualização do corpo docente no contexto pedagógico, evidenciando-se as estratégias de interação professor/ aluno no espaço da sala de aula. As pesquisas recentes revelam não só a importância do saber ler e de ser letrado no mundo atual, mas também que o processo de ler é exigente e prático. Assim sendo, a leitura é uma prática social e histórica que precisa ser compreendida como um processo no qual se envolvem vários objetos e temas a serem desvendados. Se o ato de ler não ocorre na interação autor/leitor/texto, a leitura não é construção de sentido e nem um processo interativo, afirma Almeida (2004).

Ao apontarmos a contribuição do professor e a formação docente na abordagem dialógica como relevante para a melhoria da aprendizagem, pretendemos também ampliar os estudos da linguagem e da leitura para, assim, dinamizarmos ou motivarmos as aulas com práticas pedagógicas mais interativas. Centramo-nos na formação do educador sob a perspectiva da Linguística Enunciativa bakhtiniana, buscando mostrar as significativas contribuições para o ensino da leitura e da produção textual na escola.

Enfatizamos a utilização do processo interativo em sala de aula como responsável por outros modos de ler ou de significar com linguagem na prática pedagógica. Eis a proposta dialógica de leitura na escola. Pautando-nos em Bakhtin (2010) e o círculo, afirmamos que ler é um processo interpretativo que varia conforme os pontos de vista dos leitores, aspectos importantes para a formação do docente que também forma leitores críticos e criativos.

Uma relevante contribuição do professor para o ensino diz respeito ao uso da concepção de linguagem, fundamentada em Bakhtin/Voloshinov (1995[1929]) e Bakhtin (2010) para quem a linguagem é dialógica e só existe na reciprocidade do diálogo. Estes estudiosos mostram que a teoria dialógica que fundamentará o estudo das práticas leitoras na sala de aula e reforça a formação docente postulam que linguagem é fenômeno heterogêneo, vivo, variável e flexível, sempre situada num contexto sócio-histórico. Nessa perspectiva, a concepção de leitura, abordada entre os educadores e sugerida para a formação, é atividade multifacetada, que se realiza na/pela interação do autor/leitor/texto ou autor/professor/aluno/texto, no contexto de sala de aula, afirma Almeida (2004). Desse modo caracterizada a leitura permite visualizar suas modalidades ou estratégias reveladas pelas interações do sujeito no processo de construção de sentido, no espaço escolar.

Também passaremos em revista as contribuições linguísticas da trajetória do ensino e aprendizagem da leitura e da formação docente, sugerindo a visão dialógica da linguagem como base para a prática leitora revitalizada, capaz de dinamizar a sala de aula.

Destacamos que o processo de formação docente exige a articulação da linguagem/leitura na abordagem da construção interativa do sentido, que envolve o ato de ler em seus diversos movimentos interativos e interpretativos. Assim sendo, a concepção utilizada pelo professor na atividade proposta para o ensino de língua é a chave para as ações e atividades capazes desenvolver a criatividade e a criticidade dos interlocutores que atuam na educação.

É importante que o plano de ação do docente contenha as práticas que são capazes de descrever, interpretar ou ler a realidade com múltiplos olhares, conforme as experiências e o gênero apresentados para a leitura na sala de aula. Segundo Silva (1998, p. 33), numa sociedade como a nossa, “[...] a presença de leitores críticos é uma necessidade imediata de modo que os processos de leitura e os processos de ensino da leitura possam estar diretamente vinculados a um projeto de transformação social.” Sem dúvida, uma discussão acerca das duas modalidades em sala de aula implica não só estudar um contexto social marcado por diferenças de classes, mas também enfatizar a dimensão política do ato de ler. Assim, ler é mais que interpretar, é compreender ativa e responsivamente, possibilitando ao outro se constituir e refratar o conteúdo lido à luz do dialogismo no gênero proposto.

O trabalho com Língua/Linguagem permite que a atividade de leitura e de produção na escola jamais seja neutra, porque é processo ativo e envolve sujeitos com diferentes visões de mundo e com culturas e objetivos diversificados. A prática com gêneros discursivos demonstra a vantagem da prática docente nessa perspectiva enunciativa bakhtiniana. Soares (1989) também postula que no processo histórico de construção e apropriação do saber, a leitura congrega e expressa a realidade sócio-cultural, ora apresentando-se como instrumento de controle dos setores dominantes, ora revestindo-se da forma de conscientização e ora relacionando-se com a produção dos bens culturais a serem reproduzidos para os diferentes segmentos da sociedade. O aluno sempre tem sido beneficiado com esse processo modernizado e motivador de ler, apreciando o gênero em sua estrutura composicional, seu conteúdo temático e o estilo que o compõe.

A concepção de linguagem do professor na perspectiva dialógica compreende a leitura como interação e compreensão responsiva, em que a produção de sentido resulta das múltiplas formas de ver e de ser do sujeito leitor e não apenas pelo aprendizado da forma da língua. Nesse processo, Almeida (2004) afirma que na leitura, o leitor se situa entre construção dos sentidos (a polissemia) e as coerções, os artefatos que organizam o texto. Assim, não há um sentido único porque é resultado das operações discursivas dos falantes. Há muitos modos de dizer e de produção de sentidos que precisam ser interpretados por leitores eficientes e capazes de ler o mundo re-significado. Pautando-nos em Bakhtin (2010), afirmamos que ler é um processo interpretativo que varia conforme os pontos de vista dos leitores, aspectos importantes para a formação do docente que também forma leitores críticos e criativos.

Barros (2005) afirma que o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. Assim, toda e qualquer compreensão se constrói nas relações entre os sujeitos e na natureza interdiscursiva da linguagem. O ponto de partida dessa concepção “[...] é o de colocar o texto como fulcro, como lugar central de toda investigação sobre o homem” (BARROS, 2005, p.28)

Os modos de ler vão se alternando e o sentido se construindo nas interações do leitor, autor e texto. Desse modo, ocorrem interpretações e leituras diversas porque são múltiplos os olhares interpretativos dos sujeitos. A atuação do professor visando essa concepção é fundamental para o exercício da aprendizagem, é o que mostraremos na análise da crônica escolhida nesse contexto de estudo. Assim sendo, o processo de ler

depende de vários fatores e da concepção dos sujeitos envolvidos no processo. A leitura de uma crônica não é a mesma que se faz de um poema, nem se lê um romance do mesmo modo que se lê uma publicidade, porque os gêneros têm estrutura composicional, conteúdo temático e estilos diferentes.

Nessa visão, a competência e a habilidade do professor em suas práticas pedagógicas em qualquer nível de ensino na perspectiva dialógica tornam-se imprescindíveis. Desse modo, o estudo da linguagem, na concepção dialógica conforme mostram Geraldi (1993) e Almeida (2004), tem se ampliado nos diversos setores das Ciências Humanas e Sociais, tal é exemplo das práticas com gêneros discursivos nos livros didáticos. Essa abordagem trata do verbal e do não-verbal, este último ocupando grande espaço na Linguística, atualmente. O educador dos tempos modernos não só se atualiza, mas também compreendeu que a formação contínua e continuada nessa área motiva e melhora as vivências no ensino de língua.

A necessidade de letramentos diversificados na sociedade atual reflete em todas as áreas do conhecimento e os avanços são mais perceptíveis no campo das Análises de Discurso e na Linguística Textual. Na Linguística Aplicada, as discussões recaem sobre os modos de aquisição do conhecimento, que têm como vetor a escola e, nela, o ensino e aprendizagem da leitura na sala de aula. Ser competente e atualizado para atuar no campo educacional é um dos mais urgentes desafios para o educador que enfrenta também outras dificuldades como o uso de novas tecnologias educacionais e os temas transversais que mobilizam e movimentam os setores sociais incluindo a escola. O professor moderno precisa estar preparado para lidar com o inesperado e imprevisível da sala de aula. Deste modo surgem as contribuições advindas do uso da teoria do dialogismo de Bakhtin e o Círculo na escola que reforçam o trabalho com a linguagem.

Compreendemos que a teoria dialógica aponta a interação verbal como o fundamento da linguagem e das enunciações que ocorrem na vivência do espaço científico e da vida cotidiana. Ao postular que a verdadeira substância da língua é a interação social Bakhtin/Voloshinov (1995) introduzem uma concepção que não só modificou, mas também mostrou a evolução e a flexibilidade da língua/linguagem. Eis a assertiva mais citada desses autores que assim se reportam:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato fisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1995, p. 123).

Esses estudiosos revelaram um princípio dialógico que permite colocar o poder e a importância de se estudar nessa perspectiva e de se eleger o contexto como sendo a fonte para a construção do sentido nas enunciações. Isto posto, ainda tomamos a discussão sobre o gênero discursivo principal motivador das interações e estratégias leitoras em sala de aula de qualquer nível de ensino.

O uso do gênero na sala de aula revela o quanto é motivador e ainda propicia a dinamização do processo de leitura e, tudo isso, soma-se à força do sujeito que mobiliza as ações transformadoras da sociedade e de suma importância para a educação atual, pois

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros

do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2010, p. 262).

Os conceitos abordados justificam o pressuposto de que o professor deve interagir com os alunos para que eles possam entender que a aprendizagem é um processo construído a partir das leituras que realizamos. Almeida (2013) propõe que é importante o estímulo à leitura e à produção textual, para que possamos praticar a linguagem nas diferentes formas de comunicação, ou seja, usar os gêneros textuais orais ou escritos nas situações comunicativas diversificadas. Essa pesquisadora afirma também que tão importante quanto o trabalho com a linguagem são as estratégias de leitura e o processo interativo de construção de sentido que envolve aspectos linguísticos e extralinguísticos. Nesse modo de ver/ler, as interações professor/aluno torna-se o centro motor da aprendizagem.

Outro aspecto fundamental para as práticas pedagógicas e que exige habilidade e experiência do professor atualmente é, sem dúvida, o uso das tecnologias educacionais. Chamamos a atenção para o fato de que, embora a nossa civilização detenha em seu poder tecnologias e avançadas ferramentas de comunicação para a transformação, as práticas docentes nas escolas ainda estão regidas, em grande parte, pelo previsto no currículo do programa de conteúdos e pelas atividades propostas nos livros didáticos. Contudo, os professores seguem orientações contidas nos livros Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) de denominações variadas, ou seja, um para o Ensino Fundamental outro para o Médio. Dessa perspectiva, o livro didático que circula nas escolas já apresenta fases de estudo com gêneros.

A abordagem com o uso dos gêneros discursivos em sala de aula serve como meio de aprender e apreender a realidade. Para Fiorin (2006), a aprendizagem dos modos sociais de fazer, leva, concomitantemente, ao aprendizado dos modos sociais do dizer, os gêneros. Já a definição de gênero discursivo proposta por Bakhtin (2010) leva-nos a compreender a importância de abordar tais gêneros em sala de aula; o gênero ganha sentido quando se percebe a sua relação entre formas e atividades. Assim, ele não é um conjunto de propriedades formais isolado de uma esfera de ação. Passaremos à contextualização e ao processo de desenvolvimento e de análise do gênero selecionado para este estudo.

2 O PROCESSO INTERATIVO COM O GÊNERO NA SALA DE AULA

Para a análise com base nos aspectos enunciativos sobre concepções de leitura e linguagem do ensino, escolhemos trabalhar o texto *Sobre técnicas de torrar café e outras técnicas* de Ronaldo Correia de Brito. Com a finalidade de reforçar as contribuições dialógicas para o ensino de língua, propomos refletir sobre alguns questionamentos importantes acerca do gênero selecionado. Essa atividade pode ser abordada tanto em sala de aula de ensino fundamental quanto na do ensino médio, desde que seja bem explorada pelo docente, ou seja, desde que o professor esteja habilitado ou tenha a competência necessária para tal prática. Sabemos que uma boa formação docente é essencial para a boa atuação de qualquer profissional, especificamente, esse que exerce função no sistema educacional e na sala de aula.

O texto selecionado para análise é destinado ao público internauta que acessa a coluna de Ronaldo Correia de Brito, no Jornal Online 'O Povo'. Tomado como suporte a internet, o texto é um informativo de uma coluna multicultural situado no contexto jornalístico. O gênero discursivo escolhido é a crônica que trata de narrar/ refletir sobre fatos do cotidiano. Na atualidade, além de servir ao desenvolvimento da imprensa, esse

gênero está relacionado às transformações de ordem social, valorizando a história, os acontecimentos políticos e os movimentos de classes.

Situada ente o jornalismo e a literatura a crônica recria acontecimentos diários de forma bem particular por ser um texto curto à imitação de pequenos contos, artigos ou poemas em prosa. Esse estilo de fácil leitura facilita a atuação do professor em sala e motiva alunos para a produção de textos. É um gênero atrativo na prática escolar porque possui um estilo simples que diverte e atrai o aluno para o ato de ler.

A crônica escolhida possui uma temática de analogia entre o trabalho do artesão e o processo criativo do escritor. A técnica das torradeiras de café é utilizada como ponto de partida para discussão a cerca da ‘arte de finalizar uma tarefa’; tema abordado no decorrer do texto. O processo de construção de sentidos, o inacabamento e a incompletude constitutivos do dialogismo bakhtiniano estão presentes em todo o texto do início ao fim.

O estilo argumentativo presente no texto permite trabalhar as questões de formas da língua constitutivas dos enunciados tais como orações e materialidades semânticas. O texto apresenta algumas sinonímias estruturais, por exemplo, “*adiou – linha 20, [...] postergava – linha 21*”, que contribuem para a formação do sentido.

Essa crônica possui também elementos coesivos que indicam progressão semântica “*e – parágrafo 4*”, bem como, orações coordenadas que completam os elementos coesivos. Isso só para citar alguns exemplos que revelam o processo de produzir, criar e de não querer finalizar do autor ou escritor de textos. Esse texto demonstra ainda que o ato enunciativo ultrapassa qualquer técnica, mesmo as mais antigas ou as mais requintadas e estilizadas da modernidade.

A estrutura composicional da crônica é dividida em parágrafos, desenvolvidos em terceira pessoa, que são desencadeados a partir de diversas situações de comunicação espalhadas no texto lido. Por exemplo, a situação inicial vislumbrada pelo trabalho artesão das torradeiras de café, uma técnica milenar e agora em desuso. No tecido do texto, desenvolve-se o início de conflito, ou seja, a arte de terminar outras tarefas sendo problematizada nesse contexto. Em seguida visualizamos o clímax do conflito posto na complexidade da arte de finalizar e realmente esse aspecto não é fácil e é muito destacado em vários parágrafos. Por fim, surge a resolução de conflito ou a comparação com a arte de finalizar de um escritor, compreendendo com todos os elementos e trazendo a tona a situações inicial (café). Logo, ter técnicas não é o suficiente para por fim em algo que destina-se ao inacabamento.

Os elementos espaciais e semânticos que engendram o horizonte textual apontam para a reflexão de que para tudo na vida existe um ponto certo: o movimento complexo da arte de finalizar. Com o objetivo de situar espacialmente o conteúdo temático, podemos observar vários elementos, tais como as torradeiras, profissionais, artesãos, historiadores, personagens (Arqueiro e Sherazarde) e o escritor, ambos trabalham para finalizar. O valor comum apreendido neste enunciado é o de que tudo concorre para um fim, perto ou distante o fim sempre chega, ideológico ou prático é para ele que todos se direcionam. Nesse caso, tempo e espaços permitem visualizações que oscilam entre o antigo e o novo ou entre o dito e o por vir e mesmo o tempo presente não se enquadra como algo que tem um fim.

Na cadeia da comunicação sócio-verbal do texto em estudo percebemos a noção de interdiscurso, quando temos outros enunciados que antecedem determinados contextos: as antigas mulheres torradoras de café (sociedade colonial), Sherazarde (personagem das Mil e Uma Noites), artesão de Juazeiro do Norte e o xilogravador, a criação divina (sétimo dia), o Candomblé e por último o Arqueiro Zen.

O conteúdo temático está organizado articulando a diversidade de técnicas caracterizadas pelas funções atribuídas aos sujeitos que constroem as redes de sentido revelado pela leitura. Todo o contexto que envolve o tema do acabamento ou incompletude encontra-se recheado de opções de interpretação pelas possibilidades e escolhas conforme os interesses e os pontos de vista dos leitores.

Ao término do texto, convém ressaltar a visão do autor que sugere o inacabamento. E para finalizar, percebemos a relação do autor com este enunciado: o cronista nos leva a refletir sobre as finalizações de nossas ações. Assim, o trabalho com gêneros discursivos na sala de aula exige um profissional docente capaz de lidar com essa infinidade que circula em diversas esferas e campos significativos. Um bom professor deve ser também um bom leitor. Um leitor dos tempos modernos precisa ser responsivo ativo e responsável pelo dizer outro do texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises evidenciam que o trabalho com os gêneros discursivos é muito produtivo para os dias atuais, tendo em vista a diversidade que circula na sociedade midiaticizada. A perspectiva dialógica de linguagem propicia uma maior interação entre os sujeitos e entre os textos que se apresentam para a leitura na escola. O modo de ler reflete a concepção do professor e precisa de profissionais capacitados para interagir com o público escolar cada vez mais exigente nos tempos de mídias diversas.

O interesse pelo espaço da sala de aula, especialmente, pela aula de leitura deve-se à importância desta para a formação da cidadania no contexto social moderno. Some-se a isso o desejo particular de contribuir com o ensino de língua materna e com a formação docente nessa área do conhecimento, buscando outras estratégias de ler que permitam maior participação do aluno no processo de construção de sentido.

As atividades de leitura, na sala de aula, precisam corresponder aos diversos modos de significar que o uso da linguagem envolve e, assim, permitir ao sujeito-leitor construir sentidos pelos diversos movimentos interativos e pelos processos interpretativos. Essa proposta de atividades de leitura dialógica sugere ao educador, que as práticas de leitura ou modos de ler na escola fundamentem-se na interação autor/leitor/texto e que a análise do gênero discursivo seja respeitando os elementos do gênero, o do conteúdo temático, o da estrutura composicional e o do estilo, que se somam. Ou seja, é o que propomos ao docente no trabalho com linguagem em sala de aula.

A análise do gênero precisa contemplar categorias, como por exemplo, os modos de ler nas relações interpessoais, que mostram as interações em sala de aula ou a dinâmica pela qual o professor introduz o plano da leitura e o conteúdo temático do texto a ser lido pelos alunos. Essas análises ainda nos permitem trabalhar os movimentos interativos e interpretativos, ou seja, o modo de construir o sentido coletivamente no ato de ler, observando-se o funcionamento ou uso da linguagem na sala de aula. Ressaltamos a continuidade temática e os deslocamentos dos temas e os pontos de vista dos sujeitos leitores no processo de construção de sentido como as estratégias para ser seguidas no momento da leitura.

O trabalho com esse gênero nas salas de aula de língua portuguesa revela não só o que já afirmamos acima sobre a importância desse estudo, mas também as trocas de experiências entre os interlocutores, enquanto fator responsável pela aprendizagem dos alunos leitores. Recomendamos o uso dos gêneros discursivos para dinamizar e motivar as interações entre os participantes do processo de ensino e aprendizagem da leitura em todos os níveis escolares. As experiências com essa crônica nos impulsionam a queremos

sempre mais difundir o desejo de ampliar esses conhecimentos traduzidos em atividades constantes com o público escolar necessitado de boas leituras e de ler esse mundo diversificado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria de Fátima. *Linguagem e leitura: movimentos discursivos do leitor na construção do sentido do texto na sala de aula de 5ª série*. Recife, PE: UFPB, 2004.

_____. *O desafio de ler e escrever na escola: experiências com formação docente*. [recurso eletrônico] João Pessoa: Ideia Editora, 2013. Disponível em : www.insite.pro.pb/livros. Acesso em: 20.08.2014.

BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V. N. (1929) *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAKHTIN, M. *Questões de Literatura e Estética (A teoria do Romance)*. Trad. Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio, Forense Universitária, 2008.

_____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BARROS, D. L. P. Contribuições de Bakhtin às teorias da linguagem. In: BRAIT, B. *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. 2. Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005. p. 25-36.

BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

BRASIL. SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília, MEC/SEF, 1998.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

GERALDI, J.W. *Portos de passagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. *Criticidade e leitura: ensaios*. Campinas, SP: Mercado de letras, 1998.

ANEXO

Sobre técnicas de torrar café e outras técnicas*

Já não existe a profissão de torradeira de café. Ninguém mais escuta falar nessas mulheres que trabalhavam nas casas de família, em dias agendados com bastante

antecedência. As profissionais famosas pela qualidade do serviço nunca tinham hora livre. Cobravam caro e só atendiam freguesas antigas. Não era qualquer uma que sabia dar o ponto certo da torrefação, reconhecer o instante exato em que os grãos precisavam ser retirados do fogo. Um minuto a mais e o café ficava queimado e amargo. Um minuto a menos e ficava cru, com sabor travoso. “Pra tudo na vida existe um ponto certo”, diziam orgulhosas do ofício, mexendo as sementes no caco de barro escuro, a colher de pau dançando na mão bem treinada, o fogo aceso na temperatura exata.

Muitos profissionais se especializavam na ciência de pôr um fim: os que mexiam a cocada no taxo de cobre, os que fabricavam o sabão caseiro de gorduras e vísceras animais, os que escaldavam a coalhada para o queijo prensado, os que assavam as castanhas. Nos terreiros de candomblé, onde se tocam para os orixás e caboclos, os iniciados sentem o instante em que a toada e o batuque alcançam o ponto de atuação, o transe que faz o santo descer e encarnar no seu cavalo.

Nenhum movimento é mais complexo que o de finalizar. Nele, estão contidos o desapego e a separação, o sentimento de perda e morte. Sherazade contou suas histórias durante mil e uma noites, barganhando com o esposo e algoz Sheriar o direito de continuar vivendo e narrando. Mil noites é um número finito. O acréscimo de uma unidade ao numeral “mil” tornou-o infinito. Mil e uma noites se estendem pela eternidade. Sobrepondo narrativas, entremeando-as com novos contos, abrindo veredas de histórias que se bifurcam noutras, mantendo os enredos num contínuo com pausas diurnas, porém sem o ponto final, Sherazade adiou o término e a morte. De maneira análoga, Penélope tecia um manto sem nunca acabá-lo, acrescentando pontos durante o dia e desfazendo-os à noite. Também postergava o momento.

J. M. Coetzee queixa-se do peso dos romances, do esforço de carregar durante meses personagens que vergam suas costas e o aniquilam. William Faulkner refere a ligeireza com que os personagens passam por ele, céleres, precisando de uma atenção permanente para não perdê-los na fuga. Uma artesã do barro de Juazeiro do Norte chora quando proponho comprar a cerâmica representando uma mulher com muletas, uma criança no peito, o feixe de lenha na cabeça. Conta a história que representou naquela peça simples, sente pena de separar-se de sua criatura. O xilogravador Gilvan Samico me apresenta os mais de cem estudos e as provas de autor até chegar à gravura definitiva. Olha para os lados e me confessa que se pudesse não venderia nenhuma das impressões. Confessa os dias de horror vividos até chegar ao instante em que se decide pela prova definitiva, quando o trabalho é considerado concluído e o criador experimenta a estranheza diante do que não mais lhe pertence.

Que valor possui o esposo de Sherazade, comparado à narrativa que a liberta da morte? Talvez apenas o de ser o pretexto para o mar de histórias que a jovem narra ao longo de mil e uma noites. E o que se segue a esse imaginário fim? O que ocupa a milésima segunda noite, supostamente sem narrativas? Eis a pergunta que todos os criadores se fazem. O que se seguirá ao grande vazio? Deus descansou no sétimo dia após sua criação. O artista descansa, ou apenas se angustia pensando se a criatura que pôs no mundo está verdadeiramente pronta, no ponto exato de um grão de café torrado por uma mestra exímia?

Afirmam que a flecha disparada pelo arqueiro Zen busca sozinha o alvo. Num estado de absoluta concentração, arqueiro, arco, flecha e alvo se desprendem da energia do movimento e partem em busca do ponto exato. Anos de exercício levam ao disparo perfeito. O escritor trabalha com personagens que o obsedam, alguns chegando a cavalgá-lo como os santos do candomblé. Sonha os sonhos do outro, numa entrega do próprio inconsciente à criação. Enquanto se afoga em paixões, com a mão direita tenta manter-se

na superfície e salvar-se; com a mão esquerda anota frases sobre ruínas. Nunca possui a técnica exata de um arqueiro zen, nem a perícia de uma torradeira de café. Dialoga com a morte como Sherazade, mantém a respiração suspensa, negocia adiantos e escreve.

Num dia qualquer, sem que nada espere e sem compreender o que acontece à sua volta, um editor arranca papéis inacabados de sua mão.

* **Ronaldo Correia de Brito** é cearense radicado em Pernambuco. Escritor, dramaturgo e médico, é autor de Galileia, Faca e Livro dos Homens.